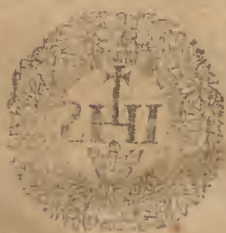
SERMAM
DO
SABBADO SEXTO
DA QUARESMA

QUE PREGOU
NO CONVENTO DE NOSSA SENHORA
da Graça ém as Completas que nelle ſolemne-
mente ſe fizeraõ,

Pello P. M. Fr. CHRISTOVAM D'ALMEIDA
Calificador do S. Officio, & Lente de prima de Theo-
logia no Collegio de S. Agoſtinho deſta Cidade
de Lisboa, & Biſpo de Martyria.

EM COIMBRA.
Com todas as licenças neceſſarias.
Na Officina de MANOEL RODRIGVES D'ALMEYDA
M. DC.LXXXI.
A cuſta de Ioaõ Antunes Mercador de livros.

THEMA.

Cogitaverunt autem Principes Sacerdotum, ut & Lazarum interficerent. Ioan. 12.

Repreſentavaſeme a mi, que sò em os favorecidos do mundo, avia hũs que foſſem venturozos, & outros que foſſem deſgraciados: mas tambem parece que nos favores, que faz o Ceo, ha vẽtura, & ha deſgraça. Deu Chriſto a vida ao filho da viuva de Naim, movido das lagrimas da mãy, & viveo ſem q̃ por iſſo ſe intentaſſe darlhe a morte: reſuſcitou o meſmo Senhor a Lazaro morto de quatro dias, & como ſe o tornar a viver sò em Lazaro fora delito ſe ajũtou logo a corte de Ieruſalẽ, & tratou de lhe tirar a vida. *Cogitaverunt autẽ Principes Sacerdotũ, ut & Lazarũ interficerent.* Bem digo eu logo, que tambem nos favores, que fas o Ceo ha dita, & ha deſgraça. Viveo o filho da viuva de Naim reſuſcitado por Chriſto, mas naõ ſuccedeo aſſi na reſurreiçaõ de Lazaro, porque o meſmo foi receber de Chriſto a vida, q̃ fazeremſe logo conſelhos para ſe lhe dar a morte.

Luc. c. 7.

Ioan. c. 11

E ſe entaõ ſe lhe preguntara aos principes de Ieruſalem autores deſte conſelho taõ injuſto, que crimes cometera Lazaro pera morrer, porq̃ culpas tratavaõ de o matar? Reſponderiaõ q̃ naõ morria Lazaro por culpas, que morria por conveniencias, que era razaõ de eſtado, que Lazaro morreſſe, porque muitos dos Iudeos vendoo reſuſcitado deixavaõ a Moyses, & ſeguiaõ a Chriſto: deu por elles a repoſta S. Ioaõ, *Quia multi propter illũ abibant ex Iudæis, & credebant in Iesum.* He mui ordinario, & mui antigo coſtume eſte nas cortes do mundo, fazerẽſe ſem rezoẽs, por amor de hũa razaõ de eſtado: por huma rezão, ou pera falar mais propriamẽte, por hũa ſem razão de eſtado deu David a morte a Vrias, por outra

ſem

sem-rezão de estado tirou Herodes a vida ao Baptista, & foy hũa, & outra acção tam tiranica como injusta. Morreo Vrias na guerra, porque se nam descobrisse hũ peccado de David. *Ponite Vriam ubi fortissimum est praeliũ.* Acabou o Bptista no carcere, porque se naõ quebrantasse hũ jurameto de Herodes: *Et contristatus est Rex propter jusjurandum*: Hũa, & outra morte se deu por duas rezoens de estado, mas em cada huma se fez huma sem rezam.

Reg. 2. cap 11.

Luc. cap. 6

Senaõ digão me ami, que sem rezão mayor pode aver no mundo, que castigar o offensor ao offendido? que tirania mais injusta, que morrer Vrias por hũ decreto de David, por se não descobrir o peccado, q̃ David tam arrojadamente commetera? & que maior injustiça, que degolarse o Baptista por hũ decreto de Herodes, por nam violar Herodes o juramento, que inconsideradamente fizera? Mas como he rezaõ de estado, que nam se descubraõ as culpas, nem se quebrem os juramentos dos Reys, ha esta de conservarse, ainda q̃ pera fazelo se commeraõ injustiças, & se fazem sem rezoẽs; por isso vemos tantas vezes no mundo castigada a innocẽcia, & disimulado o delito. Com estes exemplos, ou com estas sem-rezoens se infamarão as monarchias do mũdo em todos os seculos nos passados, & nos prezentes, bem poderei tambem assegurar com toda a certeza, q̃ assi será nos futuros, porque alem de o mũdo ser sẽpre o mesmo, difficultosamente se cura hum mal tam velho, quanto mais que mal pode elle buscar remedio, pera aquillo em que se persuade que está a sua conservaçaõ.

E assi como he tam antiga rezaõ de estado do mũdo, cõservar cõ sem rezoẽs as suas rezoẽs de estado q̃ muito q̃ morresse Vrias sem culpa? Que muito q̃ se degollasse o Baptista sem justiça, se com a morte de Vrias se encobria hũ peccado de David, & com a vida do Baptista se quebrantava hũ juramento de Herodes, quando era rezam de estado que nem de hum (porq̃ erão Reys) se soubesse a culpa, nem de outro se quebrantasse o juramento. E suposto este achaque tam ordinario, supposto esté costume taõ antigo das cortes do mundo, nam

nam nos pode a nos ja cauzar espanto, os intentos dos Iudeos neste conselho. *Cogitaverunt autem Principes Sacerdotum, ut & Lazarum interficerent.* Verdade he que Lazaro nam tinha commetido culpa, pella qual merecesse a morte, mas como os grandes da Corte de Ierusalem entēdiaõ que era rezaõ de estado o conservarse Iudea na Ley, em que te entaõ tinha vivido, & naõ conhecer a Christo pello Messias esperado, & estavão vendo que nam poderião conseguir os effeitos desta conservação se nam tirassem a Lazaro dos olhos do mundo, porque muitos dos Iudeos que o viraõ morto, & o viaõ despois resuscitado por Christo taõ prodigiozamente; como foy restituilo a vida depois de quatro dias de sepultura, como muitos dos Iudeos (digo) convencidos com este milagre confessavaõ publicamente q̃ Christo era o Messias prometido nas Scripturas, & como a tal o seguião. *Quia multi propter illum abibant ex Iudaeis, & credebant in Iesum.* Pera evitar este dano (na sua opiniaõ) fazem hoje este conselho, & intentão dar logo a morte a Lazaro. Esta he a cauza total, este o fundamē- to todo q̃ os grādes de Ierusalem tiverão pera fazer este conselho sobre Lazaro: outro motivo apontão os expositores fundados nesta rezaõ do Evangelista: Este com as circunstancias do conselho deixo pera o discurso do Sermaõ: pera o que tenho necessidade de graça peçamola a V. S. N. offerecendolhe a oraçam Angelica Ave Maria.

Maldonat. hic, & alij.

§. II. Hontem se fez hũ conselho sobre Christo injusto no intento, & na resoluçaõ tyranico: hoje se fas outro conselho sobre Lazaro o qual nam foy injusto na resoluçam se foy tyranico no intento: nam sei se parecera novo este modo de dizer, mas se ami me nam engana a imaginaçam, cuido q̃ he mui fundado no Evangelho. Dice que fora o conselho q̃ sobre Lazaro se fez tiranico no intento, porque nimguē poderà negar, que era grande tyrania querer dar a Lazaro a morte sô por ter sido ditozo: dice tambem, que nam fora injusto na resoluçam, porque quanto ao que se pode colligir do Evangelho, nam se resolvèo, nem se assentou hoje q̃ Lazaro morresse.

Ioann. cap. 11.

E toda a rezaõ em que me fundo he esta que direi logo, porq̃ do Evangelho não consta mais q̃ proporẽ os grandes de Ierusalem em conselho o darem a Lazaro a morte: *Cogitaverunt autem principes Sacerdotum, ut & Lazarum interficerent*, mas não consta nem que buscassẽ a Lazaro pera o prender (como fizerão a Christo) nem que o chegassem a matar. Evidentemente parece que se infere logo q̃ foy a resoluçaõ muy differente do intento. E confirmo ainda mais esta razão, com o q̃ succedeo a Christo, porque por isso deraõ os Iudeos a morte a Christo, porque se resolveo no cõselho q̃ sobre elle ajuntarão, que era conveniẽte que morresse Christo: *Ab illo ergo die cogitaverunt ut interficerent eum.* Logo por isso naõ derão a morte a Lazaro, porque se nam assentou no conselho que sobre elle fizeram, que era justo que morresse Lazaro: parece logo verdadeiro modo de dizer ainda que se julgue por novo, que não foy o conselho de Lazaro injusto na resoluçaõ, se foy tyranico no intento, não foy injusto na resolução, porque se não resolveo hũa injustiça, & foy tyranico no intento porque se intentou hũa sem rezam.

Ioann. cap. 11.

§ 2. Suposto pois que no conselho q̃ se fez hõtem se resolveo que morresse Christo, & no conselho q̃ se fez hoje se não assentou que morresse Lazaro, ja se deixa ver a rezão de duvidar. Se os grandes de Ierusalem intentaraõ matar a Christo, & intentaraõ matar a Lazaro, se pera hũa, & outra morte fizeraõ dous conselhos, que rezão podera aver pera que do primeiro cõselho fosse a resoluçaõ tam tyranica, & deste segundo conselho nam seja injusta a resoluçam. Hora eu darei a rezão tirada do Evangelho, porq̃ no conselho que se fez sobre Christo resolverão sem cuidar, & no conselho que se fez sobre Lazaro cuidarão pera resolver, aqui votou o entendimento, & acolà votou a vontade. Que no conselho de Lazaro votasse o entendimento, não necessita de prova, porque o mesmo Evangelho o está dizendo. *Cogitaverunt autem.* Cuidar, acto he do entendimento. E que no conselho de Christo votasse a vontade dos Iudeos, me parece a mi que se mostra com evidencia

dencia do modo de falar do Evangelista: *Collegerunt ergo* (diz S. Ioaõ) *Pontifices, & Pharisai concilium adversus Iesum.* Que os Pontifices, & Phariseos se ajuntarão em conselho contra Christo: *Adversus Iesum*: não dice o Evangelista que fizerão os Iudeos hum conselho sobre Christo, que esse era o mais acertado. & o mais proprio estilo de dizer, contar primeiro o que intentaram, entaõ depois contar o que resolverão, senão disse que se ajuntarão em conselho contra Christo: de sorte q̃ ja se estava vẽdo dantes, o que se avia de resolver depois: depois aviase de resolver que morresse Christo, & isto se via ja antes, que se resolvess: *Adversus Iesum.* E nos conselhos adonde se ve a resoluçam antes que se veja a proposta, ou a justiça està muy evidente, ou as vontades dos que votam estam muy apaixonadas: nam era, nem podia ser evidente a justiça que os grandes de Ierusalem tinhão, pera tratarẽ de matar a Christo; porque dar a vida a moitos, restituir a vista a cegos, & curar enfermos, se se vira com os olhos da razão não podia ser crime, antes virtude: bem se infere logo que o verse a resolução dos Iudeos logo quando se fazia o conselho: *Collegerunt concilium adversus Iesum*, q̃ se não nacia de estar a justiça evidente da parte dos Iudeos, que nacia de estarem as vontades empenhadas na morte de Christo: E se isto assi he, se neste conselho votaram vontades, que muito que a resolução fosse tyranica, & se no conselho de Lazaro votaraõ entẽdimentos, *Cogitaverunt autem.* Que muito q̃ não fosse injusta a resoluçam. Os conselhos adonde vota a razão sempre forão muy acertados, mas aquelles adonde vota a vontade sempre foram muy injustos: & a rezão està muy evidente, porq̃ como quer que os conselhos se ordenão principalmente nas monarchias, pera castigar delitos, & pera premiar merecimentos, como poderà ver a vontade a quem he justo que se dè o premio, nẽ a quem he bem q̃ se dè o castigo, se a fez sem olhos a natureza? Quanto mais, que dado que se podera votar sem ver (q̃ fora hũa grande injustiça) inda a vontade ficava incapaz pera votar, o porq̃ eu o direi, porque em a nossa vontade ha dous actos, hum de amor

amor, outro de odio (falo de quando vota a vontade sem q̃ se sogeite a rezão,) & nem o odio nem o amor farão nunca bons pera conselheiros: vamos primeiro ao amor então logo viremos ao odio.

§ 3 Todos os expositores convem em que aquellas palavras q̃ disse o Padre Eterno, quãdo quis fazer à Adam *Faciamus hominem ad imaginem, & similitudinem nostram.* Foram hũa consulta q̃ fizera, & hũ voto (digamolo assi,) & hũ voto q̃ pedia: nisto concordão todos, mas tambẽ discordam nisto, em quẽ fosse a pessoa a quem o Eterno Padre consultara: Diceram os Rabbinos, que consultara aos Anjos, mas impugnaise esta sua opinião mui facilmente, porq̃ a Sabedoria superior, qual era a de Deos nam avia de consultar a Sabedoria inferior qual era a dos Anjos: pois aquẽ cõsultou logo Deos pera fazer o homẽ? Dicco venturozamente S. Ioaõ Chrisostomo (digo vẽturozamente porque he a opinião mais seguida) *Quis est igitur hic ad quẽ inquit faciamus hominem ad imaginem, & similitudinem nostram, nisi ille magni concilij Angelus, ille admirabilis consiliarius unigenitus filius Dei.* (Quem he este, (diz Chrisostomo) a quem consultou o Eterno Padre na creaçam do homem, senaõ aquelle Anjo do grande conselho seu Filho Unigenito? Esta soluçaõ he entre os expositores a mais seguida, mas naõ deixa de parecer difficultoza, senão vejaõ se ha grande fundamento, pera padecer muita difficuldade: Difficulto assi: O Spirito S. nam he igual nẽte sabio com o Verbo? Nam saõ em todas as tres Divinas Pessoas os attributos os mesmos? Assi no lo ensina a Theologia, & assi no lo obriga acrer a Fè: Pois se isto assi he, se a terceira pessoa he tam sabia como a segunda, com que fundamento dice S. Ioaõ Chrisostomo q̃ consultara o Padre Eterno pera fazer a Adam mais aò Filho, que ao Spirito S.? Ou pello menos se ambos tem a mesma Sabedoria, porque nam dice que os consultara ambos? Querem ver o fundamento que teve o S. pera dizer que consultou o Padre Eterno mais ao filho, que ao Spirito S.? pois he este, porque a formalidade do Filho se ser Sabedoria, & a formalidade

dade do Spirito S. he ser amor, que assi lhe chamão os Theologos: Sabedoria ao Filho, porque procede do entendimento: amor ao Spirito S. porque procede da vontade, & como isto assi he, como aquella materia era de conselho, & os conselhos de Deos saõ sempre bem ordenados, claro esta que neste conselho. *Faciamus hominem*, que não avia de votar o amor, que só avia de votar a rezam, porque o amor nam he bom pera dar votos nos conselhos: *Quia Dei filius ex proprio caracthere Verbum, & ratio est; Spiritus Sanctus vero non est ratio sed amor, adspectu ergo ad humanam conditionem non dicit amorem fuisse ad consultationem adscitum Dei Verbum, & rationem*, dice agudamente hũ expositor grave.

D. Tho, alij 1b. Scot. Suar. Vasq. & omnes.

P. Celad. do benedict. Patriarc benedict. I. de Adomo, & Eva S. 80. n. 3.

§ 4. Naõ consulta Deos em a creaçaõ do homẽ a seu amor sendo assi, que se alguem podera consultar seu amor, era sò Deos, porque como este em si seja perfeitissimo, nam pode deixar de querer o que for justo, mas como o votar he hum acto de entender, pedir votos á vontade he fazer huma injustiça à rezam, & huma violencia â natureza, & Deos nam costuma fazer violencias, nem sabe fazer injustiças. Viraõ ja como o amor, que he hum dos actos da vontade; nam he bom pera conselheiro, pois menos o odio. E a rezam está muy clara, porque se por isso não he justo o voto da affeiçam, porque dará o premio a quẽ muitas vezes merece o castigo, por isso será tambem injusto o voto do odio, porque dará o castigo aquem merecer o premio, & com esta particularidade ainda, que mais efficaz he o odio pera fazer mal, q̃ o amor pera fazer bem, mais facilmẽte se inclina a vontade a fazer mal a quẽ aborrece, do que a fazer bẽ a quẽ ama. Do Inferno donde estava o rico avarento atromẽtado vio Lazaro em o Ceyo de Abraham favorecido, a Lazaro, aquelle a quẽ tanto aborrecera no mundo, & tãto q̃ o vio pedio logo efficasmente a Abraham q̃ o mandasse ao inferno alivialo daquelle incendio em q̃ se abrazava: *Pater Abram mitte Lazarum, ut intingat extremum digiti sui in aquam, ut refrigeret linguam meã, quia cracior in hac flamma.* Repara muito S. Pedro Chrisologo,

Luc. cap. 16.

Pet. Chrisol. serm. 113.

em q̃ o avarento nam pedisse a Abraham, que o levasse a donde estava Lazaro nam que mandasse a Lazaro que decesse a donde elle estava: *non se ad Lazarum* (dis Chrisologo) *duci postulat, sed ad se Lazarum vult deduci.* Sendo assi, que alem de ser taõ difficultoso o decer hũ bemaventurado ao lugar do tormento, como subir hũ condenado ao lugar do descanço, melhor era pera o Avarento subir donde estava Lazaro, que o decer Lazaro a donde elle estava: Pois se isto assi he, se o Avarento via que era igual a difficuldade, & mayor a conveniencia de elle subir, que de Lazaro decer, porque nam pede a Abraham, que o leve ao Paraizo, senaõ que mande a Lazaro ao inferno? *mitte Lazarum.* A soluçaõ, que a esta difficuldade deu o grande Arcebispo de Ravena, he que fez o avarento nesta forma a petiçam, porque como aborrecia muito a Lazaro, mais o atromentava o ver a Lazaro em glorias, que o verse assi em penas, menos sentia os incendios em que se via abrasar, do que as felicidades que via a Lazaro possuir: *Ideo, quod agit dives non est novelli doloris, sed livoris antiqui, & zelo magis incenditur quam gehenno.* Esta he a soluçaõ de Chrisologo, mas com licença de taõ grande Padre, venerando esta rezaõ por sua, darei eu agora a minha com algũa novidade, se me nam engana a imaginaçaõ. Pedio o avarento a Abraham mais, que mandasse Lazaro ao inferno aonde elle padecia, do q̃ o levasse a elle ao Paraizo a donde Lazaro estava, porq̃ como quer que em tirar a Lazaro do Ceo, fazia o avarento mal a Lazaro, & em se sair do inferno se fazia bem assi, escolheo antes o avarento fazer mal a Lazaro a quem aborrecia, do q̃ fazerse bem assi proprio, a quem amava, & por nam ver a Lazaro ditozo entre glorias, deixase viver atormentado entre penas. De cret he que menor fosse o odio, que o avarento tinha a Lazaro, do que era o amor com que se amava assi, com tudo pode mais com elle o odio de Lazaro pera tratar de seu mal, do que pode o amor proprio pera tratar de seu bem: Tal he a inclinaçam da vontade humana, mas que injusta, & que escandalosa!

Chrisologo supra citat.

E sup-

§ 5. E ſuppoſta eſta injuſta inclinaçaõ da noſſa võtade, agora acho eu a ſoluçam a hũas palavras de S. Ioão, q̃ foraõ todo o arrezoado do conſelho, que ſe fes hontem: *Quid facimus quia hic homo multa ſigna facit?* Diceraõ em a junta que fizeraõ ſobre Chriſto, os Pontifices, & Phariſeos de Ieruſalem, que fazemos que não matamos eſte homem? E porque? Porq̃ fas muitos ſinais: boa rezam, querem dar a morte a Chriſto, porque faz ſinaes, aſſinalaivos vòs entre os outros, q̃ logo trataraõ de vos tirar do mundo; mas vamos à difficuldade. Que ſinais ſeraõ eſtes, porque querem dar a morte a Chriſto? Eu o direi: dà vida a mortos, ſaude a enfermos, viſta a cegos, & finalmente he o remedio univerſal, & o Medico ſoberano de toda Iudea. Pois gente ingrata, condiçam injuſta, porq̃ Chriſto vos remedea, porque Chriſto vos cura, o quereis matar? Antes parece, que porque elle fazia eſtes ſinais, havieis vòs de fazer conſelhos pera o modo com q̃ lhe poderieis conſervar a vida. Mas facil eſtà a repoſta: aborreciaõ os Iudeos muito a Chriſto, & como o aborreciaõ muito, pode mais com elles o odio que lhe tinhão para tratar de ſeu mal, do que pode o amor proprio pera tratar de ſeu bem. He verdade (dizião elles) que eſte homem nos remedea, mas cõ tudo ha de morrer; antes nôs não queremos remedio, que velo a elle cõ vida. E ſe a vontade ſe inclina mais facilmente a fazer mal a quem aborrece, que a fazer bem aquem ama, como vimos nos Iudeos pera com Chriſto, & no avarento pera com Lazaro, & não he bom o amor pera conſelheiro, claro fica que menos o ſerà o odio: não pòdem logo ſer juſtos os intentos, nem acertadas as reſoluçoens, adonde a vontade entra a votar apaixonada, ou amando, ou aborrecendo, porque quem votar com a affeiçaõ, darà muitas vezes o premio a quem merece o caſtigo, & quem votar com o odio, dará o caſtigo a quem eſtà merecendo o premio, porque nem o amor ſabe ver delitos nem o odio merecimentos. Em a Corte de Athalarico diſſe o politico Caſſiodoro, que ſe julgava conforme aos merecimentos de cada hũ, porque em ſeus conſelhos não votavão nẽ o odio, nem a affei-

Ioann. c. 11

Caſsiodor. var. Ep. 77.

 çaõ:

çaõ: *Electio uostra de meritis venit, non enim quidquam aut amore, aut odio, aut pellecti aliqua gratificatione decernimus.* De sorte, que davaõ a cada hum o que merecia, porque nem o odio nem a affeiçaõ julgava. Bem se infere logo, q̃ nam pòdem ser justas as resoluçoens adonde a vontade entra a votar apaixonada ou amando, ou aborrecendo. Mas que grande felicidade he de hũ Reyno, que grande ventura de hũa Monarchia ter em seus conselhos quem vote conforme aquillo que a rezam lhe dita, & nam conforme aquillo que a vontade lhe pede! Que justas que seraõ as resoluçoens, as ordens que acertadas, & o Reyno como se conservarà seguro! Em os conselhos serem bem ordenados, està cifrado todo o bem, & toda a conservaçam de hum Reyno, porque como os conselhos sam os polos sobre que se fundaõ as Monarchias, & a rezam he a basi, sobre que assentão os conselhos, tanto que se desconcertar a armonia, tanto que se perverter a ordem da natureza, tanto que o entendimento se sogeitar ào que quer a vontade, & nam a vontade ao que decreta o entendimento, logo os conselhos nam pôdem ser bem ordenados, nem as Monarchias estar seguras. Senaõ digãome a mim, qual foi a causa porque se acabou tam depressa o Imperio de Nabuco, aquelle Reyno tam dilatado no poder, & na arrogancia, que se prometia dominar o mundo facilmente? nenhũa outra cousa mais que votos da vontade, assi o diz a Scriptura: *Quos volebat, interficiebat, quos volebat, percutiebat, quos volebat exaltabat, quos volebat humiliabat.* E hũ Reyno adonde votava a võtade, hũa Monarchia adonde governava o querer, era impossivel que se podesse conservar: ò quantos padecerião innocentes! ò quantos se premiariãõ culpados! mal podia logo estar segura a conservaçam de hũ Imperio, adonde era tam tyranico o governo. Tam importantes como isto saõ nos conselhos os votos do entendimento, & tam perjudiciaes os da võtade, que naquelles tem as Monarchias a sua conservaçam, & nestes a sua ruina. Se Christo tomara aquelle conselho, que hũa hora lhe deu S. Pedro affeiçoado, quando se vio entre

Daniel. 5.

Math. 17.

entre as glorias do Thabor favorecido: *Domine bonum est nos hic esse*; voto nacido da vontade, & nam do entendimento: *nesciens quid diceret*, que se seguia d'ahi? que? naõ menos q̃ ficar o mũdo sem redẽpçam, & Christo sẽ Reyno: não importa menos que hum Reyno, o nam seguir hum voto apaixonado.

§ 6. Advirtaõ logo os Principes, & os Monarchas do mũdo, que se quizerem ver seguras suas Monarchias, que nam admitaõ em seus conselhos aquelles, cujas resoluçoens pòdem nacer da vontade, & naõ do entendimento: mas quem seraõ estes, (agora direi os que nam he justo que se admiram, & depois os que he acertado que se escolhaõ;) quem sam estes que os Principes nam haõ de admittir em seus conselhos? Eu o direi em duas palavras: nem os muito validos, nem os pouco fieis, porque huns, & outros haõ de votar com a vontade, os validos com a affeiçam, & os traydores com o odio. Là se aconselhou hũ hora Christo sobre o modo com q̃ havia de sustentar aquella turba, que o seguia no deserto, & nam se aconselhou porque necessitasse de conselho, que elle sabia mui bem o que havia de fazer. *Ipse enim sciebat quid esset facturus*, senam pera ensinar aos Principes do mundo com seu exemplo: & a quem Christo pedio o conselho, foi a S. Phelippe: *Dixit ad Philippum; unde ememus panes ut manducent hi?* Mas parece na verdade, que se Christo queria ensinar aos Principes a tomar conselhos, que o havia de pedir, ou a Iudas, ou a Ioaõ: a Ioão porque era o mais entendido, & a Iudas, porque naquella materia era o mais experimentado, & os conselhos a quem se hão de pedir senam, ou aos experimentados, ou aos entendidos? Digo, que Iudas he o que tinha mais experiencia nesta materia, porque como elle trazia a bolsa, & a materia era de compra *unde ememus*? pareece que a elle se devia a consulta: pois se assi o està ditando a rezam, porque o nam fez Christo assi? porque nam pede o conselho, nem a Iudas, nẽ a Ioaõ, senam a Phelippe? O porque foi a S. Phelippe veremos depois, & o porque nam foi a Iudas, nem a Ioaõ veremos agora. Sabem porque? porq̃

Ioann. 9.

Ioaõ

Ioão era valido, & Iudas era traydor, & como Christo se aconselhava, não porque necessitasse de conselho, senão pera ensinar aos Principes do mundo, nam quiz fazer seus conselheiros, nem ao traydor, nem ao valido, pera que os Principes nam admitaõ em seus conselhos, nem aos validos, nem aos traydores; porque de hũs, & outros sao arriscados os votos, & sospeitosas as resoluçoens: do valido, porq como vota com a affeiçaõ que tem ao Principe, aconselharlheha o que està melhor pera o gosto, mas peor pera a conveniencia, (porque naõ houve valido no mundo que nam tratasse de falar muito á vontade do Rey,) & o traydor como vota com odio que tem ao Principe, tratarà de o destruir com o seu conselho. Estes sam principalmente os que os Principes nam haõ de admittir em seus conselhos, quais sejão os que pera elles haõ de escolher, veremos logo no outro discurso; & como nos cõselhos se proceder desta maneira, como nam houver conselheiros que votem apaixonados, como votar o entendimento sogeitando assi a vontade, & nam votar a vontade levando apos si o entendimento, logo serão acertadas as ordens, logo seraõ justas as resoluçoens, logo se nam faraõ injustiças, que por isso foi tyranica a resoluçam que se tomou hontem em o conselho, que os Iudeos fizeraõ contra Christo, porque votarão nelle as vontades, & por isso nam foi injusta a resoluçam q̃ se hoje tomou, sobre a morte de Lazaro porque votárão os entendimentos: *Cogitaverunt autem.*

§ 7. *Principes Sacerdotum*: pareciame a mi, & assi era bẽ que fosse, que pera este conselho que se fazia sobre Lazaro, se ajuntassem os mais sabios, & os mais entendidos de Ierusalẽ, porem nam foi assi, os que se ajuntaraõ forão os mais poderosos: *Principes Sacerdotum*: mas ajuntàraõ se estes, porque estes eraõ os conselheiros de Iudea: & porque eraõ estes os conselheiros? Eu o direi: porque? porq eraõ os poderosos, jà entam parece que se praticava esta rezaõ de estado, que agora se usa tanto no mundo, darem os cargos a quẽ tinha os titulos: *Principes Sacerdotum*, & nam a quem tinha as experiencias, fazeremse

remſe conſelheiros os poderoſos, & nam os experimentados, como ſe o votar tivera algũa conveniencia com o poder, mas eſta he a condiçam injuſta das Cortes do mundo, darem aos grandes da fortuna, & nam aos grandes do merecimento Que bem eſtava neſta verdade Ioſeph o ViceRey do Egypto: Mandou elle dizer a ſeu pay Iacob, que ſe vieſſe de Paleſtina pera o Egypto, porque jà o Rey lhe tinha dado licença, mas fezlhe eſta advertencia notavel: *Nec dimittatis quidquam de ſupellectile veſtra, quia omnes opes Ægypti veſtra erunt:* advetti que tragais de là tudo quanto tendes, porque logo cá no Egypto tereis tudo não parece boa a rezam, trazei tudo, porque cà tereis tudo? nam tragais nada (parece que havia de dizer) naõ tragais nada, porque cà tereis tudo: mas falou diſcretamente Ioſeph: porque como Iacob vinha entam pera a Corte, nam teria nella nada, ainda que por ſer pay o mereceſſe, ſe de là não trouxeſſe muito: era neceſſario vir rico, & vir poderoſo de Paleſtina, pera lhe porem os olhos no Egypto, porq̃ nas Cortes do mundo ordinariamente ſe não poem os olhos ſenam nos poderoſos, & nos ricos, nam ſe dá a quem merece, ſenam a quem tem, & a quem pòde: *Principes Sacerdotum.* Que iſto ſe praticaſſe nas rendas, nos cargos, & nos poſtos, de que naõ depende a conſervaçam das Monarchias, bem ſe podia ſofrer, mas que tè neſtes ſenam hajaõ de pòr os experimentados, ſenam os ricos, & os poderoſos? que hajaõ de fazer conſelheiros aos grandes, porque tem os titulos, & nam aos pequenos, que tem as experiencias? Grande ſem-rezam do mundo. Não he iſto o que Chriſto nos enſinou (depois prometi que havia de dar a rezam, porque ſe aconſelhou Chriſto com S. Phelippe, & agora me deſempenho.) Jà vimos que naquella occaſiam, em que Chriſto pedio o conſelho, nam conſultàra a Iudas, por que era traydor, nem a Ioaõ, porq̃ era valido; mas ainda nos ficou outro diſcipulo em que reparar: porque nam conſultou Chriſto a S. Pedro, aquem tinha feito Principe da Igreja, & era o maior do Collegio Apoſtolico, ſenam a Phelippe? *Dixit ad Philippum.* De conſultar a S. Phelippe, deu a rezam o Cardeal

Gen. 45.

Tolet. hic.

Cardeal Toledo, de nam consultar a darei eu: *Aliam possumus excogitare causam* (diz o Padre) *nempe Phelippum fuisse in his quæ ad usum comparandum pertinebant peritiorem, & intelligentiorem*, foi S. Phelippe o consultador, porque nesta materia era o mais intelligente, & como Christo queria ensinar ao mundo com aquelle conselho que pedia (que nos deu em hũa sò acçam muitos exemplos,) nam se aconselhou com Pedro que era o Principe da Igreja, & o maior do Apostolado, senão com Phelippe, que ainda que nam era Principe, ainda q̃ nam era Grande, antes em o Collegio Apostolico o mais humilde, era em aquella materia o mais experimentado, & pera os conselhos nam se haõ de escolher os que tem as dignidades, nem os que tem os titulos, porque saõ grandes, como era Pedro, se nam os que tem as experiencias, ainda que sejaõ pequenos, como era Phelippe, nam ha de votar quem pòde, ha de votar quem sabe, que nam he o mesmo ser bem afortunado, que ser bem entendido, mas governase o mundo por leys mui encontradas a estas; Christo pera nos ensinar deu o cargo de conselheiro ao experimentado, o mundo dào ao poderoso: pera ter os postos no mundo, nam basta o merecer muito, he necessario ter muito, pera ter os cargos no Ceo, nam importa o náo ter nada, basta o merecer muito: *Ecce nos reliquimus omnia, & sequuti sumus te; quid ergo erit nobis?* Disse lá S. Pedro a Christo: Senhor, nôs temos deixado tudo por vosso amor, q̃ premio nos haveis de dar agora? Vejão o que lhe respondeo Christo: *Sedebitis, & vos super sedes duodecim judicantes duodecim tribus Israel.* Heivos de fazer Iuizes dos doze tribus de Israel. Pera terem os cargos bastoulhe aos Apostolos o merecerem muito, nam lhe fez mal o nam terem nada: *Ecce nos reliquimus omnia.* Nam sei eu se teriaõ elles tam bom despacho, se meteraõ este memorial nas Cortes do mundo, adonde sò a maior grandeza he o merecimento maior. *Principes Sacerdotum.* O que grande motivo me dava esta materia pera discorrer largamente! mas pera irmos a outra nova, quero acabar este discurso, com a soluçam de humas palavras, que confir-

Math. 19

conformaõ muito o que himos dizendo: Falava Christo hũa hora com seus discipulos, & disse desta maneira: *Pater non judicat quemquam sed omne judicium dedit filio*: Meu Eterno Padre a ninguem julga, porque o officio de julgar, & de resolver as cousas a mim o deu; mas que rezaõ haverà pera isto? porque julga mais o Filho q̃ o Pay? nam tem ambos o mesmo entendimento, a vontade nam he em ambos a mesma? Si he, mas sam as formalidades mui differentes, porque a formalidade do Pay he ser poderoso; a formalidade do Filho he ser sabio, & pera julgar, na politica bem ordenada, haõse de escolher os sabios, nam se haõ de escolher os poderosos; julguem, & votem os que sabem, nam votem nem julguem os que podem: Isto he o que se uza naquella Republica celeste a quem as Monarchias do mundo a viaõ de ter por exemplar em suas acçoens, isto he o que nos ensinou Christo por tantas vezes, mas nam sei se foy no mundo esta doutrina bem recebida, porque a nam vejo muy praticada: Os grandes, os poderosos saõ os que tem os cargos, por isso os Principes dos Sacerdotes eraõ os conselheiros, porque eram os poderosos: *Cogitaverunt autem Principes Sacerdotum.*

Ioan. cap. 9. v. 22.

Ita cõmunis Theologorũ schola

§ 8. *Vt, & Lazarum interficerent.* O q̃ se tratou neste cõselho foy o dar a morte a Lazaro: mas porque delitos? (bem me lembra que dei ja hũa rezam, mas tambem me lembra q̃ prometi outra,) por que delitos querião os Principes de Jerusalem tirar a Lazaro a vida? se elle jazia descançado no sepulchro, & Christo compadecido das lagrimas das irmãs o quis tornar a trazer ao mundo, que culpa era em Lazaro, o viver? nenhũa: pois porq̃ o intentaõ matar? deu a rezaõ Maldonado: *Itaque tota res, est invidia, invidebant enim non solum ductori beneficij, sed etiam eis qui beneficium acceperant.* Em resoluçam (diz Maldonado) todos estes intentos nascem de inveja, nam sò invejavaõ a Christo, porque dera a vida a Lazaro, mas tambem envejaõ a Lazaro, porque recebera a vida de Christo, enveja o mundo nam sò a quem fas o favor, senam tambẽ a quem o recebe: Nam estava mal fundada esta

Maldon. hic.

Luc. cap. 7. rezam, senam padecera esta instancia, Difficulto assi: Christo nam deu tambem a vida a ao filho da viuva de Naim? Si deu, pois se o mundo tem inveja a quem recebe o favor, porq não envejarão os Iudeos a este tambem resuscitado por Christo, & favorecido delle? Sò a Lazaro tem enveja, qual serà o fundamento? Eu o direi; não envejarão tanto o favor que Christo fes ao filho da viuva de Naim, porque o nam conheciam por favorecido de Christo, & envejarão muito o favor q̃ fez a Lazaro (sendo ambos, da mesma igualdade,) porque o conhecião por muito valido seu. *Lazarus amicus noster*: Aquelle favor era feito a hũ estranho, este favor era feito a hũ valido, & nam sei que tem os favores que se fazẽ aos validos q̃ sẽpre forão muy envejados: Fez Christo a S. Pedro Principe da Igreja, & livrou a S. Ioão da morte violenta no apinião dos mais Apostolos que assi entenderão elles, aquelle *sic eum volo manere*. Nam reparam os discipulos na quelle favor concedido a Pedro, & reparão muyto neste favor feito a Ioão: *Exiit sermo inter fratres quia discipulus ille non moritur*. Començarão a falar, & a perguntar entre si, porque não avia de morrer Ioão. Nam quero chamar a isto propriamente enveja (como alguem ja lhe chamou) senam reparo, posto que como os discipulos nam estavão ainda entam confirmados em graça, nam era inconveniente algum darlhe este nome, que tambem o Evangelho dis delles, que tiverão entre si hũa grande contenda, sobre qual delles era mayor. *Facta est autẽ contentio inter eos quis eorum videretur esse maior*: indo a difficuldade. Pergunto assi: Nam era mayor o favor que Christo fez a S. Pedro dandolhe a primacia da Igreja, do que era o que fazia a S. Ioão livrandoo da morte violenta, dado que assi fosse, & que assi o quizesse dizer Christo naquelle, *sic eum volo manere*? nam ha duvida: Pois porque nam reparão os Apostolos, porque os nam inquièta aquelle favor feito a Pedro na realidade, & reparão tanto naquelle que fez ao Evangelista sò na sua imaginaçam? Querem ouvir com novidade porq̃? Porq̃ o favor q̃ Christo concedeo a Pedro era favor feito a hum Apostolo, & o favor

Ioan. 11.

Math. 16.

Ioan. 21.

Ioan. 21.

Luc. 22.

Ioan. 21.

o favor que concedeo a Ioão era favor feito a hũ valido *Discipulus ille quem diligebat Iesus*; E os favores dos validos sempre inquietarão, & sempre se envejaraõ muito, ainda que na realidade fossem iguais, ou fossem menores, que os q̃ o Principe fas aos outros: Bem se vio em os Iudeos pera com o filho da viuva de Naim, & pera cõ Lazaro, pois sendo iguais os favores, (q̃ a ambos deu Christo a vida,) sò o de Lazaro foy envejado, porq̃ sò Lazaro era o valido. *Lazarus amicus noster*: Bem se vio em os Apostolos pera com Ioaõ, & pera com Pedro pois sendo mayor o favor q̃ Christo fez a S. Joaõ, (se assi fora como elles o imaginavão,) livrandoo da morte por violencia, do que foi o que fes a Pedro dandolhe da Igreja a primacia, sô no favor do Evangelista repararaõ, porque entre todos os discipulos o Evangelista era o mais valido, & o mais amado. *Discipulus ille quem diligebat Iesus.*

§ 9. De sorte que tè os discipulos de Christo, com andarẽ ao lado repararão em o favor feito a S. Ioaõ, nam reparando em o favor concedido a S. Pedro, porq̃ S. Pedro era Apostolo como os outros, & S. Ioaõ era mais que os outros validos: Mas os Iudeos passaraõ muito avante, pera com Lazaro, porque nam sò repararaõ em Christo lhe dar a vida, mas tambem trataraõ de lhe dar a morte, porque lhe tinhaõ enveja: *Cogitaverunt autem Principes Sacerdotum ut, & Lazarum interficerent, invidebant enim non solum auctori beneficij, sed etiam eis qui beneficium acceperant*: Viose Lazaro arriscado, logo que se vio favorecido: Hora eu quando posso, & quando a rezam o pede, trato sempre de apontar o fundamento da soluçam que dei a duvida que propus: Dice que os favores dos validos ainda que fossem iguais, ou menores que aquelles, que os Principes costumão fazer aos outros, que eraõ sempre envejados, agora pergunto de novo a cauza disto? Qual serà a causa, porque os favores que os Principes fazem aos validos saõ sempre envejados, se saõ muitas vezes iguais, ou sam menores, que aquelles que faz aos outros & poderà ser q̃ aquelles mesmos que os envejaõ? Se o favor que o Principe faz ao

 seu

ſeu valido he igual, & poderá ſer que muytas vezes menor que aquelle que me fas a mi, porque lhe ei eu de ter enveja? A rezam eu a darei, & he eſta ſe me nam engano; porque o favor que o Principe mẽ fas a mi, ſempre em ſi he mais do que me parece, & o favor que fas ao valido, ſempre me parece mais do que he: Eu explico mais, façame o Principe hũ favor que na realidade ſeja tudo, a mi hame de parecer nada: Faça ao valido hum favor que na ſubſtancia ſeja nada a mi ha me de parecer tudo, entam por iſſo o envejo: E iſto porque? (ainda nam fechamos o penſamento) porque ſe diminuem tanto em os meus olhos os favores que me fazem a mi. E crecem tanto os que ao valido ſe fazem? o porque eu o direi: porque as couzas diminuemſe muito em os olhos da affeiçaõ, quando ſam em favor do que ſe ama, & avultam muito nos olhos do odio quando ſam em favor do que ſe a borrece, & como eu me amo muito a mi, ainda que o Principe no favor, & na merce que faz na realidade me dè tudo, a mi hame de parece nada; & como os validos ſe aborrecem muito no mundo, que aſſi o dice diſcretamente Seneca, ainda que o favor em ſi ſeja nada a mi ha me de parecer tudo: Daqui naſce logo o ſerem tam envejados os favores dos validos. Que as couſas avultem muito nos olhos do odio quando ſam em favor do que ſe aborrece, moſtro agora (porque ſe nam diga que he eſta rezam livremente dada) entaõ depois moſtrarei o como ſe diminuem em os olhos da affeiçam, quando ſam em favor do que ſe ama: E pera o moſtrar com evidencia, nam quero mais que duas palavras do meſmo capitulo de que a Igreja tirou eſte Evangelho. Depois que Chriſto reſuſcitou a Lazaro algũs Iudeos que ſe acharão preſentes a eſta maravilha começaram a ſeguilo, & a confeſſar publicamente, que elle era o Meſſias avia tantos ſeculos eſperado, & por tam repetidos oraculos prometido. Aſſi o diz S. Ioaõ. *Multi propter illum abibant ex Iudæis, & credebant in Ieſum*, vendo iſto os grandes de Ieruſalem romperaõ neſtas palavras notaveis: *Ecce totus mundus poſt eum abiit:* Porque não matamos

Senec de brevit ult. cap. 18.

Ioan, 12.

Ioan. 12.

mos este homẽ, que jà todo mundo se vai tras delle, notem que nam dicerão que todo mundo siguiria a Christo de futuro, senam que ja o seguia de prezente *post eum abijt*, pera nos dar mayor a rezaõ de duvidar. Pois se atè então nam tinhaõ seguido a Christo mais que aquelles Iudeos que tinhaõ assistido a resurreiçam de Lazaro, & algũs que o viraõ resuscitado, como dizem os grandes de Ierusalem que seguia a Christo ja o mundo todo? Quatro Iudeos sam todo o mundo? Hora eu darei a rezam de quatro Iudeos que seguiaõ a Christo, parecerem o mundo todo aos Judeos, & he esta. como os Iudeos aborrecião muito a Christo, & o seguiremno era hũa acçam em muyto favor de Christo, aquelles poucos que o seguiaõ em os olhos do odio dos Iudeos avultavão o mundo todo: *Ecce totus mundus post eum abijt*. Parecia em os olhos de seu odio huma quantidade grande, aquelle numero limitado, & aquelle concurso breve, porque avultam muito as couzas nos olhos do odio quando sam em favor do que se aborrece, assi como se diminuem muito nos olhos da affeiçam quando saõ em favor do q̃ se ama. Fes Deos a Abram aquelle favor tam singular, qual foi o de fazerse seu protector, & tomar á sua conta o cuidado de seu remedio, & de sua conservaçaõ: *Ego protector tuus sum, & merces tua magna nimis.* Com tudo sendo este favor tam singular, sendo esta merce tam grandiosa, nam se deu Abram por satisfeito com ella, & replicando dis a Deos desta maneira. *Domine Deus quid dabis mihi*? E bem Senhor, que premio me aveis vos de dar pellos serviços q̃ vos tenho feito? Notavel pregunta por certo! Taõ pouco he hũa protecçaõ de Deos, & hũ premio livrado em seu mesmo ser, que ainda acha Abraham que tem que pedir mais, depois de Deos lho prometer tanto? Ainda pede, ainda deseja mais Abraham depois de hum premio tam grande, depois de hũa satisfaçaõ tão grandiosa. *Domine Deus quid dabis mihi*? Que tem Deos q̃ dar fora de si? nenhũa cousa: Pois se Deos dandose a si a Abraham por protector lhe nam ficava mais que dar: porque lhe pede ainda Abraham mais a

Genes. 15

Deos, depois de Deos ter dado tudo a Abraham? Porque como Abraham se amava muito a si, diminuiase tanto em os olhos da affeiçam propria aquelle favor de Deos tam singular, que dandolhe, nelle tudo, parecialhe a Abraham que lhe nam dava nada, que assi como aos olhos do odio se representa tudo aquillo que he nada, assi tambem aos olhos da affeiçam se representa nada aquillo que he tudo, por isso Abraham depois de Deos lhe dar tudo em a sua protecçaõ como se lhe nam dera nada por premio, lhe pedio de novo favores. *Domine Deus quid dabis mihi?* Esta he a condiçam dos olhos humanos que crecem nelles, & se diminuem as cousas conforme os affectos interiores, se se aborrece, o nada parece tudo: se se ama, o tudo parece nada: *Lachrimis cæpit rigare pedes ejus*: dice S. Lucas da Magdalena que com as lagrimas de seus olhos começara a lavar os pes a Christo. Nam dicera milhor que lhos lavara se na realidade assi foy, senam sò que começara a lavalos? *Cæpit*. Hora ami me parece q̃ falou o Evangelista daquellas lagrimas nam conforme o que eraõ pera os pès de Christo, senam conforme o que pareciaõ aos olhos da Madalena: pera os pès de Christo, verdade q̃ eraõ diluvios de lagrimas, aque o Evangelista chamava principios de chorar, mas para os olhos da Magdalena, porq̃ amava. *Dilexit multum*, pareciaõ sò principios de chorar, o que na realidade eraõ diluvios de lagrimas: *Cæpit rigare:* diminuamse muitos em os olhos de sua affeiçaõ, todas aquellas finezas offerecidas a Christo, porq̃ se diminuem muyto as mayores finezas em os olhos de hũa affeiçam. E se aquella he a propriedade do odio, & esta a condição do amor, bem se deixa ver a causa porq̃ os favores que os Principes fazẽ aos outros sempre sam mais do que lhe parecem, & os favores que fazem aos validos sempre lhe parecem mais do q̃ saõ: E como parecem sempre maiores, por isso saõ ordinariamente envejados: por isso tambem sofre o mundo tão mal o ver os validos com favores, que logo os enveja porque os aborrece, & trata de os matar, porq̃ os enveja. *Cogitaverunt autẽ Principes Sacerdotũ ut, & Lazarũ interficerent, invidebant enim non*

Luc. cap. 7.

Luc. cap. 7

non solũ auctori beneficij sed etiã eis qui beneficium acceperant.

§ 10. E se Lazaro sendo favorecido de Christo se vio com seus favores ariscado, como poderaõ aquelles aquẽ os Principes do mundo tem por validos estar com seus favores seguros? Daqui veio a dizer o outro politico discretamente, que nem hum principe avia de singularizar sua affeiçam, porque alem de fazer hũ amor que ha de ser commũ, poẽ em muito grande risco aquelle que ama com particularidade: *Quo quisque propinquior est regi, eo propinquior est patibulo:* E os Principes nam haõ de arriscar, haõ de conservar os vassalos. Qual foy a causa que Caim teve pera matar a seu irmão Abel tam injustamente? nenhũa outra senão o por Deos os olhos em Abel, não pondo em Caim: *Respexit Deus, ad Caim autem non respexit?* E o mesmo foy ser Abel visto de Deos com algũa particularidade, q̃ tratar logo Caim de lhe tirar a vida. Taõ grosseiro, & tam envejoso he este elemento em que vivemos, que nem aos validos de Deos perdoa: E se isto assi passa em os validos do Ceo, como poderaõ estar seguros, os validos da terra? & nam sò devem os Principes nam particularizar seu amor, & seus favores, pello que devem aos vassallos, senaõ tambẽ pello que se devem a si. Ser Rey he ter officio: & se a quem tẽ cargo nam he licito conhecer nem ainda o parentesco, como poderà conhecer valido? *Mulier ecce filius tuus*, dice là aquelle supremo Rey Christo Iesu, a N. Senhora quando lhe quis entregar a S. Ioaõ, molher ahi tens o teu filho, nam lhe chamou mãy, senam molher; & porque lhe chamou desta maneira? porque lhe tinhão dado o titulo de Rey àquella hora: *Iesus Nazarenus Rex Iudæorum*: o Rey nam ha de conhecer nem ainda o parentesco mais apertado: mal poderà logo conhecer valido: esta he pois a obrigaçam mais principal de hũ Principe Soberano fazer seus favores communs nam os particularizar a nimguem: nunqua Christo quis no dezerto aceitar o titulo de Rey, senam na Cruz: porque no dezerto fazia favores a algũs; & na Cruz faziaos a todos, que a todos resgatava a custa de seu sangue, & sò entam quis que lhe chamassem Rey quado

Guillelm. Berchal. lib.6. contra Monarch. cap. 4.

Ioan. 19.

Math. 29.

Ioan. 6.

quando o era, & quando o parecia; se assi o fizerem os Principes do mundo cumpriraõ cabalmente com o que devẽ a si, & aos vassallos, a si por amor da obrigaçam, & aos vassallos por amor do risco, pois sofrer tam mal o mundo o ver aos validos com favores, que logo os enveja, porque os aborrece, & trata de os destruir porque os inveja: senam seja bom exemplo Lazaro. *Cogitaverunt autem Principes Sacerdotum ut, & Lazarum interficerent, invidebant enim non solum actori beneficium acceparant.* De envejosos intentaraõ os grandes de Ierusalem matar a Lazaro, mas nam chegaraõ a conseguir o que intentaraõ: porque? ja dei huma rezaõ que segui largamente, agora darei outra tocada com toda a brevidade, de grande alvitre pera Portugal: torno a preguntar assi, se os que trataraõ de dar a Lazaro a morte eram os grandes, erão os poderosos de Ierusalem, porque o nam executão? Porque nam morre Lazaro? Porque foi providencia de Christo que Lazaro nam morresse: resuscitou Christo a Lazaro depois quatro dias de sepultura pois nam ha Lazaro de morrer: averà em Ierusalem conselhos pera o matar, farsehão juntas, buscarsehão traças, mas nam hão de chegar a execuçoens: Resuscitou Christo a Portugal depois de sesenta annos de sepultura, ou de cativeiro q̃ o mesmo vem a ser, como tantos prodigios, pois ainda que se ajuntem em conselhos, ainda que se façaõ em Castella juntas, ainda que se inventem traças pera o destruir, nenhũa se ha de executar, averà intentos, pera execuçoens, mas nam hão de chegar nunqua a execuçoens esses intentos, porque he rezam estado muito ordinaria em Deos conservar as obras de sua mão omnipotente, & sustentar aquelles a quem deu vida. Libertou Deos com tantos prodigios como sabem todos os filhos de Israel cativos no Egypto, & libertouos por aflitos, com tudo depois porque peccarão no deserto quis castigallos por ingratos: porem Moyses que ainda q̃ era valido de Deos tratava mais dos outros que de si, fineza que sô se achou neste valido, & por isso foy amado de Deos, & mais dos homẽs. Porẽ Moyses (digo) tomou à sua conta aplacar os rigores da Divi-

na

na justiça tam justamente offendida, & pera conseguir este effeito dice a Deos estas palavras. *Cur Domine irascitur furor tuus contra populum tuum, quem eduxisti de terra Ægipti?* E bem Senhor vos quereis destruir este povo? nam vedes que o libertastes do Egypto. Notavel modo de negocear o perdam por certo! de sorte que poem Moyses diante dos olhos de Deos pera nam destruir os filhos de Israèl o beneficio que receberão de suas mãos omnipotentes, antes pera sollicitar o perdam parece que lhe avia de esconder o favor, representalhe a liberdade q̃ lhe deu, pera Deos suspender o castigo com que os ameaça, não parece bó modo de negocear, mas si he mui acertado modo, mui descurçada a resoluçaõ de Moyses. Hora notẽ vio Moyses, q̃ estava Deos resoluto a destruir os filhos de Israel, vio tambẽ q̃ era rezaõ de estado em Deos conservar aquem libertara, por isso pera lhe evitar a ruina com que os ameaça lhe poem Deos diante dos olhos a liberdade que lhe dera. *Populum quem eduxisti:* Pera que os nam destruisse, lembroulhe q̃ os libertara, & assi foy, porque logo se aplacou a ira de Deos, & ficou sem castigo o povo: *Placatusque est Dominus Deus, ne faceret malum, quod locutus fuerat adversus populum suũ,* & se esta rezam de estado em Deos pode tanto com elle que prevaleceo contra o seu mesmo poder sendo infinito, como nam prevalecera contra o poder humano que he limitado? Por isso Lazaro naõ morre, por isso Portugal se conserva, & se ha de conservar a pezar de seus inimigos.

Exod. cap. 32.

Exod. ibidem.

§ 11. Porem he necessario advertir q̃ nos naõ avemos de confiar indiscretamente nestas seguranças pera vivermos descuidados, antes entam avemos de andar mais cuidadozos, quando nos considerarmos mais seguros, porque muitas vezes dana mais a presunção de huma segurança, que o ameaço de hũ perigo: Sempre a moderada cautela, ainda que pareça temor foy discriçam, & a demaziada confiança ainda que pareça valia foy temeridade: & Deos antes nos quer temerozos, que temerarios: Não nos fiemos logo cegamente em estar tam seguros como estamos, pera deixar de viver mais

acautelados do que vivemos, porque nam se pode fiar seguramente, nam se pode fazer confiança certa, nem nas ditas nẽ nas infelicidades humanas, que nam tem mais firmeza, q̃ em serem varias. Dos braços de seu pay Iacob saio Ioseph pera o cativeiro do Egypto, do cativeiro do Egypto pera a privança de Puthiphar, da privança pera o carcere, & do carcere pera o governo? Quem ajuntara tam contrapostos sucessos? quem unira tam encontradas sortes? quem dicera que a tanta ventura avia de succeder tanta desgraça, & que a tanta desgraça avia de succeder tanta ventura? Que sendo Ioseph o mimo de Iacob avia de vir a ser cativo no Egypto que de cativo avia de passar a privado, de privado a prezo, & de prezo a Visorey; saõ bens, & males do mundo nem os bẽs duraõ, nem permanecem os males, succedem hũs a outros, como as sombras da nouite os resplandores do dia: E se de pessoas particulares passarmos a Reynos enteiros acharemos o mesmo: Quantos Principes se aclamaraõ hontem gloriosamente victoriosos, q̃ hoje se lamentaraõ lastimosamente vencidos? E de quantos se chorou hoje o destroço de que amenhã se festejara o triumpho? Quantas Monarchias floreceraõ com tanta ventura, que se prometeraõ fazer soar o estrondo de suas armas, & o ecco de suas victorias tẽ donde o Sol estende a grandeza de seus resplandores, & dilatar seu Imperio, desdonde nace tè donde morre o dia, quantas ouve destas no mundo, que depois vieraõ a ser exemplo da miseria, & o estremo da desgraça, & quantas se deraõ ja por acabadas, que se levantaraõ felices, & floreceraõ triumphantes? Nam me canço em repetir exemplos de que o mundo todo està cheo, porque estivera a prègar eternamente. Pois, se saõ taõ pouco permanentes, se saõ como isto taõ pouco firmes as venturas, & as desgraças humanas, nam he indiscriçaõ, nam he cegueira grande querer fundar nossas esperanças em aquillo q̃ he mais inconstante que o vento vario, & mais mudavel que a mesma mudança? Quem o poderà negar? E ainda que Deos nos assista, (que he o que se pode responder) ainda que Deos nos assista com (que he o

Genezis. 37.

Genezis. 29.

Genezis. 41.

que se pode responder) ainda que Deos nos assista com tantos prodigios como cada hora vemos, ainda que se mostre tanto da nossa parte, ainda que favoreça a nossa causa tanto, nem por isso deixemos de temer, nem por isso deixemos de nos acautelar, nam nos faça descuidados de nossa conservaçam o ver a Deos tão cuidadoso della, porque serà lastima grande, que achemos a nossa ruina nos mesmos meios de nosso remedio: nam deixemos tudo a Deos, porque ainda que tem forças infinitas, & braços omnipotentes, regularmente falando, nam costuma obrar sem as causas segundas, & se hoje fes hum milagre pera libertarnos, nem por isso farà outro amenhã, pera defendernos: Grandes prodigios fes Deos pera libertar aos filhos de Israel (tambem povo mimoso seu) do poder de Pharaò, com tudo quando depois ouveraõ de morrer no dezerto, pera os livrar da morte nam fez prodigios; que nam he o mesmo libertarnos Deos prodigiosamente hoje, que conservarnos amenhã prodigiosamente: a liberdade que nos dá quer que corra por sua conta, mas a conservaçaõ que havemos mister, quer que corra pella sua, & pella nossa: Vivamos pois muito vigilantes, vivamos muito unidos, que logo estaremos seguros, porque a vigilancia, & a uniaõ sam os dous Polos sobre que se funda mais seguramente a felicidade dos Imperios, & a conservaçaõ das monarchias: Nenhũa cousa aruina os Reynos, senaõ o nam viverem acautelados, nenhũa cousa os destrue, senam nam viverem unidos: o descuido he a sua enfermidade, & a desuniaõ he a sua morte: hũ Reyno descuidado, he hũ Reyno desunido, he hũ Reyno morto. Como a uniam, & a divisaõ duas formalidades tam opostas, & dous accidentes tam contrarios, claro està que o que com hum se conserva, que com o outro se acaba? bem poderà conservarse unida à parte que vivia apartada, mas nam pode viver apartado o tudo que se conservar unido: logo como a uniaõ he a alma das monarchias, como a uniaõ he a vida das Respublicas, facil fica de entender que hũ Reyno unido he hum Reyno vivo, & hũ Reyno dividido, he hum Reyno morto,

Exod. cap. 7. 8 9. & 10.

he politica esta nam menos que do Rey dos Reys Christo S. N. *Omne Regnum in se divisum desolabitur*, dice elle hũa hora aos Iudeos, se hum Reyno se chegar a dividir he impossivel, que nam se chegue a acabar. He hũa Monarchia hũ todo mistico adonde o Rey he a alma, & os Vassallos o corpo; & assi como a vida, & o ser do todo nam consiste mais que na uniaõ das partes, assi a vida, & ser de hũ Reyno entanto dura, em quãto os vassallos estão unidos ao Rey, & o Rey està unido aos Vassallos: Vassallos sẽ Rey he hũ corpo sẽ alma. Rey sem vassallos he huma alma sem corpo. Unaõse pois; Vnaõse pois as partes, que logo se conservará o todo. A uniaõ he a q̃ principalmente conserva as Monarchias, & a divisaõ he a que ordinariamente as acaba, porque a uniaõ dá forças, & a divisam tirà as: Hũ Reyno unido pode rezistir a Imperios: Imperios divididos naõ podem rezistir a hũ Reyno: poucos unidos vencerão já grandes exercitos. Eu nesta materia de uniaõ naõ tenho que reprehender em Portugal, muito q̃ louvar sim, porq̃ no particular de amãte, & unido ao seu Rey, pode dar enveja, & servir de exemplo a todas as Monarchias do mundo: sò lhe quizera advertir pello que vejo commumẽte praticar, q̃ nam he bastante estar unido ao Rey nas occasioens de descanço, senam tambẽ nas occasioens do aperto, antes quãdo este for mais urgente, entam ha de ser a uniaõ mais apertada, porque se a divizaõ acaba hum Reyno na paz, mais facilmente o acabarà em guerra. Quero dizer q̃ nam sò se ha de assistir ao Rey, quando està no paço, ha-se tambem de acompanhar ao Rey quando está em cãpo, no paço não lhe he necessario ao Principe, que todos os vassallos lhe assistaõ, mas posto em campo o Monarcha, he divida que todos os vassallos o acõpanhẽ, por dous fundamentos muy cõformes a toda a rezaõ de boa politica, porque se o Rey sae a campo por amor de nòs, porque nam avemos nòs de sair a campo por amor do Rey? nam sei com que titulo ficaõ os vassallos na paz, quando o Principe sae â guerra: Esta he a primeira rezam, a segunda seja por q̃ não he obrigaçaõ do vassallo assistir ao Rey nas occasioens do des-

Luc. 11.

do descanço, mais he divida do vaſſallo aſſiſtir ao Rey nas occaſiaens da afflição, quando o Principe ſe diverte, quando o Principe deſcança naõ he neceſſario, antes he impoſſivel q̃ todos os vaſſallos com elle deſcancem, mas quando padece he neceſſario, antes he obrigação, que todos os vaſſallos com elle padeçaõ: Aos ultimos rigores com que Chriſto ameaçou o mundo diſſe elle, que avião de preceder grandes ſinas, no Sol, na Lũa, & nas eſtrellas: *Erunt ſigna in Sole, Luna, & Stellis*: Bem ſei que dizem todos que ha de mandar Chriſto aos homens tam anticipados ſinais, porque como foge muito de caſtigarnos, quer que o aviſo nos faça temeroſos, & que o temor nos faça arrependidos: mas nam he iſto o em que eu queria reparar, que pondero, & o em que reparo muito, he em que ſejaõ eſtes ſinais no Sol, na Lua, & nas eſtrellas! naõ baſva que appareceſſem sò no Sol, pera atemorizar o mundo? Si por certo: & o que aperta mais a difficuldade he, nam ſe vendo as Eſtrellas juntamente com o Sol, neſta occaſiaõ apareça o Sol juntamente, & a eſtrellas: *Erunt ſigna in Sole, Luna, & ſtellis.* Todos ſabem que a vida do Sol he a morte das eſtrellas, o meſmo he aparecer eſte Planeta luminoſo, que deſaparecerem ainda os Aſtros mais luzidos, cada dia o vemos, cada dia o experimentamos. Pois ſe por ordem da natureza pera aparecerem as Eſtrellas he neceſſario q̃ ſe auzẽte o Sol, porque sò no dia ultimo do mundo, ſe ha de diſpenſar com eſta lei, porque hão de aparecer o Sòl, & as eſtrellas juntamente? ſerà iſto por ventura premiſſam algũa do Sol? nam he premiſſaõ do Sol, he obrigaçam das eſtrellas: Como o Sol he o Principe dos Aſtros, como o Sol he o Monarcha de toda eſſa Republica luzida, nam importa nada (antes he impoſſivel) q̃ as Eſtrellas luzaõ, quando elle luz, mas importa muito, (antes he neceſſario) que ellas padeçaõ, quando o Sol padece: não eſtão obrigadas as Eſtrellas aſſiſtir luzidas ao Sol quando luzido, mas eſtam obrigadas a aſſiſtir eclipſadas ao Sol quando eclipſado; Padece eclipses o ſeu Principe, pois padeçam eclipſes os Aſtros, por iſſo ſe verà o Sol no dia do Iuizo aſiſtido

Luc. 21.

 de Eſ-

de Estrellas eclipsadas, porque apparecerá eclipsado, nam se vendo nos outros dias assistido de Estrellas luzidas, porque apparece luzido. Imite pois a politica humana està politica Celeste, quando o seu Principe descança; quando o seu Principe se diverte, & finalmente quando busca as occasioens de alivio, (que assi he Rey, que tambem he homem) basta que os vassallos estejam unidos a elle, & que lhe assistam com as vontades, mas quando he necessario sahir a campanha, quando he necessario padecer na guerra he tambem necessario unirem se, & assistiremlhe com as vontades, & com as pessoas nam estam obrigados, a descançar quando elle descança, mas estam obrigados a padecer quando elle padece. Ia eu disse que o Rey era a alma de hum Reyno, & que os vassallos eram o corpo: Supposto isto quem nam sabe, que bem pode gozar alivios á alma, sem que delles participe o corpo, mas que nam pòde deixar de padecer penas o corpo hũa vez que as padece a alma? Se assi o fizerem sempre os Portuguezes como fazem, & eu confio que ham de fazer sempre: se andarem muito vigilantes em suas obrigaçoẽs, & viverem muito unidos ao seu Reyno cõ as vontades, & com as pessoas com as vontades na paz, com as pessoas, & com as vontades na guerra, alcançaram grandes venturas, & o Reyno se conservará por muitos seculos, felices no desempenho de nossas esperanças, felices nos successos de nossas armas, na restauraçam de nossas conquistas, & na conservaçam de nossa felicidade, que assi o estam prometendo as Prophecias, assi o estam confirmando, estes venturosos principios, & finalmente felices na reformaçam dos costumes, no aumento da fé Catholica, no zelo do nome Christam pòr meio da Graça, que he certo penhor da Gloria. *Adquam nos perducat Dominus omnipotens, Pater, Filius, & Spiritus Sanctus Amen.*

FINIS LAVS DEO.